

Helena Feres Hawad
Vânia Moreira
Vera Lucia Cunha

Volume único

Estágio Supervisionado IV para Licenciaturas





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Estágio Supervisionado IV para Licenciaturas

Volume único

Helena Feres Hawad

Vânia Moreira

Vera Lucia Cunha



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



**Ministério
da Educação**



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Vera Maria de Almeida Corrêa

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Helena Feres Hawad

Vânia Moreira

Vera Lucia Cunha

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Janaina de Souza Silva

José Meyohas

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

Cyana Leahy-Dios

COORDENAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Débora Barreiros

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Aroaldo Veneu

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Elaine Barbosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ronaldo d'Aguiar Silva

CAPA

Eduardo Bordoni

PRODUÇÃO GRÁFICA

Oséias Ferraz

Patricia Seabra

Copyright © 2006, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

H389e

Hawad, Helena Feres.

Estágio supervisionado IV: para licenciaturas. v. único / Helena Feres Hawad; Vânia Moreira; Vera Lucia Cunha. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010
68p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-258-4

1. Estágio. 2. Material de registro. I. Título.

CDD: 370.71

2010/1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieir Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

Estágio Supervisionado IV para Licenciaturas

Volume único

SUMÁRIO

Formato do componente curricular 7

1ª Parte

Preparando o estágio 27

2ª Parte

Orientações práticas 41

3ª Parte

Material de registro e acompanhamento 61

Formato do componente curricular

JUSTIFICATIVA

Este documento é o formato do componente curricular Estágio Supervisionado dos Cursos de Licenciatura, na modalidade a distância do Consórcio CEDERJ/ CECIERJ.

Este componente curricular é desenvolvido em quatro etapas distintas, a saber: Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II, Estágio Supervisionado III e Estágio Supervisionado IV. A 1ª etapa do componente curricular exige do aluno, como pré-requisito para matrícula, a aprovação na disciplina Prática de Ensino 1.

A apresentação do componente curricular e seus objetivos estão contidos na Introdução do documento. A 1ª parte detém-se na estrutura organizacional formatada para dar conta dos três níveis e variados espaços envolvidos na operacionalização da prática do estágio. A 2ª parte aborda o conteúdo pedagógico das diferentes etapas do componente curricular, e na 3ª parte é apresentado não só o material didático, como também “pistas” para que o aluno venha a obter maior organização de tempo, maior autonomia e métodos de estudo nessa modalidade de ensino.

A avaliação deste componente curricular, diferenciada das demais disciplinas dos Cursos de Licenciatura, está contida na 4ª e última parte do documento.

INTRODUÇÃO

O componente curricular Estágio Supervisionado tem como objetivo articular e integrar a teoria e a prática entre os conteúdos das disciplinas acadêmicas do Núcleo de Formação Específica dos Cursos de Licenciatura, e o conhecimento da realidade na organização do espaço escolar.

Pretende ainda estimular o aluno a desvelar as teorias pedagógicas que sustentam o cotidiano da escola, com base no referencial teórico construído e apreendido no decorrer do Curso.

Paralelamente, o estágio instigará o aluno à percepção crítica do funcionamento do dia-a-dia da escola amparado no seu projeto político-pedagógico e no perfil da sua gestão.

Nesta vivência o aluno terá, ainda, oportunidade de observação das variadas atuações no espaço escolar, como por exemplo:

- a organização da oferta de matrículas à comunidade em geral;
- o desenho da grade curricular do Ensino Fundamental e Ensino Médio;
- a forma e a elaboração do planejamento das variadas disciplinas que compõem o currículo de tais níveis de ensino;
- a aplicação da metodologia utilizada em diferentes realidades escolares.

Da mesma forma, poderá realizar a leitura de como as relações se estabelecem no interior da escola e fora dela, no que diz respeito ao atendimento ou à demanda da comunidade escolar.

Finalmente, é reconhecido no Estágio Supervisionado um espaço interativo de apropriação e revisão do fazer pedagógico comum e específico das diferentes Licenciaturas em questão; o reconhecimento da metodologia de um trabalho interdisciplinar no currículo escolar e a consolidação da identidade profissional dos alunos-estagiários. Diante da formação pretendida, o componente curricular ainda soma a esses fatores a consciência política e social, necessária à compreensão e à inclusão dos futuros licenciados no mundo do trabalho.

ÍNDICE

1ª PARTE

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO COMPONENTE

CURRICULAR 10

PLANOS INTEGRADOS 10

■UNIVERSIDADE 10

Atribuições dos Tutores a Distância 10

■PÓLOS 11

Atribuições do Tutor Presencial I 11

■UNIDADES ESCOLARES 12

2ª PARTE 16

CONTEÚDO PEDAGÓGICO DO COMPONENTE CURRICULAR 16

Estágio Supervisionado I 16

Estágio Supervisionado II 18

Estágio Supervisionado III 19

Estágio Supervisionado IV 19

3ª PARTE 20

MATERIAL DIDÁTICO 20

4ª PARTE 21

AVALIAÇÃO 21

Avaliação a Distância (AD1 e AD2) 21

Avaliação Presencial (AP1, AP2 e AP3) 22

Avaliação Presencial 3 (AP3) 23

Avaliação Somativa 23

Avaliação Formativa 23

Composição de Médias 24

Médias Parciais (N1 e N2) 24

Cálculo de Nota da Avaliação Presencial 3 (AP3) 24

Critério de Aprovação do Aluno 24

1ª parte

Estrutura organizacional do componente curricular

Planos integrados

As atividades pedagógicas e de cunho interdisciplinar do componente curricular interagem a partir de três planos integrados de forma horizontal e vertical, a saber:

- Universidades: onde se encontram os coordenadores e os Tutores a Distância.
- Pólos CEDERJ: onde são encontrados os Tutores Presenciais.
- Escolas Parceiras: onde estão situados os Regentes-Tutores, que são os Professores-Regentes das variadas disciplinas instrumentadoras do currículo escolar e os alunos-estagiários.

■ Universidade

O conteúdo da disciplina Estágio emana da Coordenação da Disciplina, localizada nas Universidades onde são estabelecidas as tarefas a serem cumpridas pelos alunos-estagiários e acompanhadas, nesse nível, pelo Tutor a Distância, quais sejam:

- Relatos das observações feitas na escola parceira.
- Registros das experiências sobre as atividades desenvolvidas na vivência do estágio.
- Elaboração das atividades pedagógicas solicitadas pelos tutores a distância e presencial ou regente-tutor da disciplina e/ou pelo coordenador.
- Realização de trabalhos educativos pertinentes à prática da etapa do estágio em que está matriculado.
- Realização de demais tarefas solicitadas em material complementar do componente curricular, inclusive: avaliações a distância, presenciais e aulas práticas.

No que diz respeito à relação de acompanhamento do Tutor a Distância/aluno – estagiário, a quantidade ideal é de sessenta (60) alunos-estagiários, por período.

Atribuições do Tutor a Distância

- Promover o autoconhecimento do aluno- estagiário contribuindo, assim, na construção da sua identidade como educador sugerindo, por exemplo leituras afins e/ ou promovendo fóruns de

discussão na plataforma sobre o processo ensino-aprendizagem, planejamento educacional, metodologias educativas, práticas e vivências do cotidiano escolar; posturas avaliativas etc.

- Atender à demanda dos alunos- estagiários, esclarecendo dúvidas sobre o conteúdo exigido e sugerindo ações alternativas.
- Estimular o aluno-estagiário analisando, sugerindo, trocando informações e enriquecendo o material por cada um deles elaborado.

■Pólos CEDERJ

A realização do Estágio Supervisionado I na Escola Parceira está diretamente envolvida com o assessoramento, consultoria e responsabilidade dos Tutores-Presenciais, localizados nos Pólos, que deverão desenvolver a função de acompanhamento e supervisão dos alunos-estagiários.

As tarefas realizadas pelos alunos-estagiários deverão transitar nas tutorias presenciais do componente curricular e, ainda, na consultoria e assessoramento via telefone, fax, *on line* etc.

Esses profissionais, por sua vez, deverão instigar os alunos para a realização de atividades e leituras afins para o seu enriquecimento acadêmico e profissional, bem como mobilizá-los a interagir com os demais colegas e tutores em fóruns e grupos de estudo presenciais e/ou em ambiente virtual.

Tutores Presenciais de Estágio Supervisionado I deverão acompanhar, no máximo, quarenta e cinco (45) alunos-estagiários, por período. Eventualmente ou, se necessário, deverão visitar as escolas parceiras.

Atribuições do Tutor Presencial I (Estágio Supervisionado I)

- Planejar, organizar e acompanhar a realização do estágio, de forma cooperativa, com a equipe técnico-pedagógica das Escolas Parceiras e com a equipe da disciplina (Coordenador e Tutores a Distância).
- Promover o autoconhecimento do aluno-estagiário contribuindo de diversas formas para a construção da identidade do educador: aprofundando o material didático e as leituras afins; mediando as discussões sobre o conteúdo discutido nos fóruns de discussão da plataforma, sugeridas pelo Tutor a Distância e/ou pelo coordenador etc.

- Atender à demanda dos alunos, esclarecendo dúvidas sobre o conteúdo e sugerindo ações alternativas.
- Estimular o aluno analisando, sugerindo, trocando informações e enriquecendo o material por ele elaborado.

■ **Unidades escolares**

Serão chamadas Escolas Parceiras as Unidades Escolares Públicas de 2º segmento do Ensino Fundamental e ou Ensino Médio que acolherem alunos estagiários.

Regente-Tutor

Os Regentes-Tutores são professores voluntários da Escola Parceira que regem uma das disciplinas instrumentadoras afins – pretendida na formação do aluno-estagiário.

Pela supervisão e acompanhamento desses alunos, tais profissionais não só promovem a análise crítica da vivência do estágio em sala de aula, bem como estimulam os licenciados à construção de sua mais nova identidade profissional a ser assumida perante a sociedade.

Independente da formação acadêmica, esses profissionais deverão ser legitimados pela realidade/ contexto distinto de seu município, bem como devem ter reconhecimento legal na regência da disciplina instrumentadora. As disciplinas instrumentadoras compõem a grade curricular do Ensino Fundamental e/ou do Ensino Médio, segundo as leis educacionais brasileiras, emanadas do Ministério da Educação.

Finalmente, durante o Curso, esses são os profissionais que, no desenvolvimento da vida acadêmica dos alunos-estagiários dentro e fora da sala de aula, revestem-se de grande e honrosa responsabilidade. No exercício de sua práxis pedagógica na escola assumem o compromisso de instrumentalizar, *in loco*, os futuros protagonistas do processo de formação e escolaridade de milhões de alunos-cidadãos pelas inúmeras e distintas salas de aula, distribuídas pelos mais diversos contextos e realidades sociopolíticas-educacionais do Estado do Rio de Janeiro.

Atribuições do Regente-Tutor

No Estágio Supervisionado II

- Levar o aluno-estagiário a analisar o relacionamento da política educacional vigente com o contexto social e econômico da realidade que vivenciam – futuro campo de sua ação profissional.
- Instigar o aluno-estagiário a levantar dados sobre as condições de trabalho das diferentes realidades escolares.
- Estimular o aluno-estagiário a realizar uma investigação preliminar sobre o número oficial de escolas do seu município *versus* a população de faixa etária escolar.
- Provocar o aluno-estagiário a refletir sobre questões, como por exemplo:
 - ⇒ A escola está comprometida com o processo ensino–aprendizagem mais adequado às condições reais de cada uma das diferenciadas comunidades escolares?
 - ⇒ A escola realmente integra o aluno à sua realidade?
 - ⇒ A prática docente relacionada à prática social supera a dualidade presente, entre informação e formação, instrução e educação no interior da escola?
 - ⇒ O conteúdo proporcionado pelas variadas disciplinas auxilia o aluno na compreensão da realidade e o estimula a avançar?
 - ⇒ De que forma o conteúdo trabalhado contribui para a formação do aluno e sua posterior entrada no mercado de trabalho?
 - ⇒ A escola forma o aluno crítico e consciente como cidadão?
 - ⇒ O professor, ao desenvolver atividades em sala de aula, tem a preocupação de não ser mero reprodutor do saber, avançando em sua práxis na reelaboração crítica de conteúdos culturais de sua área do conhecimento?
 - ⇒ O professor aproveita situações do dia-a-dia, trazidas para a sala de aula, preocupando-se em analisá-las junto aos alunos, enriquecendo assim a sua formação?

No Estágio Supervisionado III

- Proporcionar ao aluno-estagiário a vivência da dinâmica escolar das diversas atividades pedagógicas do interior da escola, como por exemplo:
 - ⇒ a percepção do tipo de gestão escolar e seus desdobramentos no cotidiano escolar;
 - ⇒ o processo de oferta de matrícula;
 - ⇒ a análise do projeto político-pedagógico escolar e a avaliação das condições em que o mesmo foi elaborado;
 - ⇒ a valorização de cada uma das disciplinas pedagógicas que compõem o currículo escolar;
 - ⇒ a organização da grade curricular das diferentes séries do(s) segmento(s) observado(s);
 - ⇒ a realização de projetos e/ou outra metodologia que operacionalize o currículo escolar;
 - ⇒ a integração curricular;
 - ⇒ o sistema de avaliação adotado pela escola.

No Estágio Supervisionado IV

- Proporcionar ao aluno-estagiário a vivência da dinâmica escolar e as diversas atividades pedagógicas do interior da escola e da sala de aula, como por exemplo:
 - ⇒ o dia-a-dia da sala de aula;
 - ⇒ a relação professor-aluno;
 - ⇒ a abordagem conceitual dos conteúdos curriculares da disciplina em tela;
 - ⇒ a metodologia utilizada pelo professor;
 - ⇒ os livros e os materiais didáticos afins;
 - ⇒ os recursos materiais adotados;
 - ⇒ a análise crítica sobre a elaboração e funcionamento do programa das disciplinas por série;
 - ⇒ a abordagem conceitual do processo de avaliação utilizado;
 - ⇒ o funcionamento das reuniões pedagógicas;
 - ⇒ a dinâmica dos conselhos de classe; dentre outras.
- Propor e acompanhar o aluno-estagiário à elaboração de um plano de aula para a realização de uma aula-prática, com conteúdo curricular pertinente à série/turma onde realiza o estágio.

Aluno-estagiário

Alocação

O aluno-estagiário deverá realizar seu estágio em uma Escola Parceira indicada ou sugerida pela Direção do Pólo Regional. Essa Escola deverá ser uma Escola Pública de 2º segmento ou de Ensino Médio, onde o aluno cumprirá a carga horária exigida pela etapa do Estágio Supervisionado, na qual está inscrito. O aluno-estagiário também poderá indicar uma Escola Pública na qual gostaria de realizar o estágio. Porém, nesse caso, o aluno deverá realizar a apresentação formal da Escola para que a mesma venha a se tornar uma Escola Parceira. Tal apresentação deverá ser feita, através de um arrazoadado que justifique a sua solicitação, para apreciação e, posterior deferimento ou não da:

- Direção do Pólo;
- Secretaria Municipal ou Estadual de Educação;
- Coordenação do Componente curricular.

Estágio Supervisionado I

O critério adotado para o estabelecimento do número de alunos-estagiários por período, na Escola Parceira, na 1ª etapa do componente curricular deverá ser decidido pela Escola Parceira.

O aluno-estagiário deverá dedicar ao Estágio Supervisionado I, o mínimo, de três (3) horas-aula semanais, realizando atividades, tais como:

- ⇒ estágio, propriamente dito, na escola;
- ⇒ organização das observações feitas;
- ⇒ esclarecimento de dúvidas, junto ao Tutor Presencial e a distância;
- ⇒ análise crítica da prática do estágio;
- ⇒ preenchimento do material complementar solicitado;
- ⇒ pesquisas, elaboração de *clipping*, leituras afins;
- ⇒ participação nas tutorias presenciais e demais atividades propostas, dentre outras.

Estágios Supervisionado II, III e IV

O critério adotado para o estabelecimento do número de alunos-estagiários por turma e período na Escola Parceira, onde os mesmos estejam o Estágio Supervisionado II, III e IV deverá ser decidido pela Escola Parceira.

Sugere-se que os Estágios Supervisionados II, III e IV devem ser desenvolvidos, por período, em uma só turma. A partir dessa etapa, o aluno-estagiário deverá dedicar o mínimo de cinco (5) horas-aula semanais às etapas mencionadas do componente curricular, realizando atividades, tais como:

- ⇒ estágio, propriamente dito, em sala de aula;
- ⇒ organização das práticas observadas;
- ⇒ esclarecimento de dúvidas junto ao Regente-Tutor;
- ⇒ análise crítica da prática do estágio;
- ⇒ preenchimento de material complementar solicitado;
- ⇒ participação nos encontros quinzenais com o Regente- Tutor e demais atividades propostas, dentre outras.

O aluno-estagiário deverá preencher ao longo do período letivo uma planilha de comprovação de carga horária de estágio onde deverá discriminar as atividades as quais observou e/ou participou na Escola Parceira.

Cada etapa do componente curricular exigirá do aluno-estagiário a comprovação de uma carga horária mínima de estágio a ser cumprida na escola, a saber:

- Estágio Supervisionado I: sessenta horas (60h).
- Estágio Supervisionado II: noventa horas (90h).
- Estágio Supervisionado III: cento e vinte horas (120h).
- Estágio Supervisionado IV: cento e cinquenta horas (150h).

2ª parte

Conteúdo pedagógico do componente curricular

Estágio Supervisionado I

Tensão no espaço institucional

Tipo: de observação e investigativo

- Questões contextuais que implicam diretamente as culturas escolar e docente que são construídas no interior da escola:

► Formato e organização do Sistema Educacional

- ⇒ verbas destinadas à Educação;
- ⇒ investimento em pesquisa e no desenvolvimento de novas tecnologias;
- ⇒ renda *per capita* dos brasileiros em geral;

- ⇒ políticos populistas e doutrinas oportunistas;
- ⇒ índice de desemprego;
- ⇒ instituição da economia informal;
- ⇒ invasão populacional dos centros urbanos;

► Indicadores educacionais

- ⇒ alfabetização e taxas de analfabetismo;
- ⇒ universalização do ensino;
- ⇒ distorção série/ idade;
- ⇒ taxa de promoção e repetência;
- ⇒ carga horária escolar;
- ⇒ melhoria do perfil do magistério;
- ⇒ avaliação institucional;
- ⇒ democratização de acesso ao Ensino Médio.

- Itens norteadores para uma postura investigadora das diversas formas de organização das atividades curriculares e da prática reflexiva para a atuação docente:

► embasamento sobre as diferentes tendências pedagógicas visando à fundamentação da própria prática;

► reconhecimento de exigência de uma nova postura das instituições de ensino e localização no espaço da sociedade.

- Formação continuada: direito à igualdade de oportunidades/ dever das políticas públicas:
 - ⇒ revisão da gerência educacional instituída;
 - ⇒ identificação do modelo estático da escola e avanço deste modelo para uma concepção mais dinâmica: proposta político-filosófica; metodologia; espaço escolar; currículo escolar; papel do diretor e papel do professor; relações no interior da escola;
 - ⇒ visão sistêmica da escola perpassando pela importância da liderança participativa, responsabilidade social, valorização do comportamento organizacional e avaliação institucional.

► **Pilares da gestão democrática**

- ⇒ democratização do processo de construção social da escola;
- ⇒ elaboração compartilhada de seu projeto pedagógico;
- ⇒ aplicação de avaliação institucional como instrumento diagnóstico;
- ⇒ compreensão da teia de relações no interior da escola;
- ⇒ promoção de nova trama de relações favorável à aprendizagem dos alunos;
- ⇒ educação voltada para a diversidade;
- ⇒ Posicionamento frente às questões de discriminação e intolerância em relação às variedades culturais de grupos na escola.

Estágio Supervisionado II

Roda-Viva da Escola

Tipo: Investigativo e de co-participação

- Questões de aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão do estágio.

► **Exigência de confronto da postura acadêmica x postura crítica do aluno, capaz de revelar tanto situações problemáticas na prática pedagógica quanto suas possíveis soluções**

- ⇒ conhecimento da forma de elaboração do planejamento à avaliação da disciplina instrumentadora em questão;
- ⇒ análise documental dos instrumentos gerados pela disciplina (planejamento, material didático, material documental, avaliação etc.);
- ⇒ análise da aplicabilidade da metodologia pontuada no projeto pedagógico da escola;
- ⇒ conhecimento e reflexão sobre os resultados da produção docente e produção discente;
- ⇒ concepções/impasses e alternativas sobre o saber-pedagógico x fazer-pedagógico;
- ⇒ possibilidades de trabalho interdisciplinar na escola.

► **Construção da identidade do educador**

- ⇒ estímulo ao exercício de autoconhecimento do aluno estagiário;
- ⇒ consolidação de referencial teórico capaz de desvelar as teorias pedagógicas que sustentam a práxis educativa;

- ⇒ enriquecimento da formação profissional;
- ⇒ compreensão e enfrentamento do mundo do trabalho.

Estágio Supervisionado III

Projeto Pedagógico

Tipo: Participativo e de cooperação

► Reorientação da prática pedagógica

- ⇒ a relação entre a formação de um professor e a instrução;
- ⇒ necessidade de conscientização de que a prática pedagógica envolve comportamento de observação, reflexão, análise crítica e reorganização de ações e atuações no espaço escolar, para o desvelamento de atitudes, valores e normas que reproduzem os valores dominantes;
- ⇒ análise da natureza e da função dos conteúdos escolares nos planejamentos educacionais e no currículo;
- ⇒ essencialização e transposição dos conteúdos e de atividades comuns do cotidiano da escola e da sala de aula na busca de ações e atuações que reorientem o fazer pedagógico;
- ⇒ reconhecimento da regência de classe e da prática da avaliação como atividades de diagnose capazes de revelarem dificuldades e fomentarem soluções diferenciadas para as necessidades do aluno.

Estágio Supervisionado IV

Fazer pedagógico

Tipo: Participação interativa no âmbito de sua disciplina na unidade escolar de 2º segmento de Ensino Fundamental e Ensino Médio:

- ⇒ participação na elaboração de planejamento cooperativo acompanhado pelo regente-tutor;
- ⇒ participação na definição do processo de avaliação da disciplina instrumentadora, como deflagrador de novas ações pedagógicas;
- ⇒ exercício da regência de turma/atendimento à demanda dos alunos;
- ⇒ elaboração de proposta de trabalho ou unidade de ensino pertinente à série/ turma onde realiza o estágio;
- ⇒ preparação de material didático;

⇒ participação na elaboração de proposta interdisciplinar envolvendo as demais disciplinas do currículo.

A partir deste conteúdo trabalhado, o aluno será estimulado a analisar o cotidiano escolar e perceber as implicações do mesmo no interior da escola fortalecendo, assim, a sua postura como educador.

A comprovação de carga horária é indispensável para a aprovação do aluno no componente curricular Estágio Supervisionado, independente de seu desempenho acadêmico ou ocupação profissional, ao longo do período letivo e curso.

3ª parte

Material didático

O componente curricular será apresentado em volumes didáticos pertinentes aos conteúdos das suas diferentes etapas e à carga horária específica de cada uma delas discriminadas a seguir:

- Estágio Supervisionado I – 60 horas
- Estágio Supervisionado II – 90 horas
- Estágio Supervisionado III – 120 horas
- Estágio Supervisionado IV – 150 horas

Cada volume abordará o referencial teórico enriquecido com citação de autores afins e bibliografia específica, assim como material didático de apoio à prática do estágio.

Em cada volume, o aluno-estagiário deverá encontrar:

- roteiros de observação;
- ficha específica de variadas atividades pertinentes à prática pedagógica;
- questionários instigantes sobre aspectos abordados na aula e/ou no curso em geral e observados ou não na prática do estágio.

■ Sugestão de métodos de estudo

Cada prática semanal no estágio exigirá do aluno-estagiário o planejamento de uma quantidade de horas capaz de assegurar-lhe, ao final do período letivo, o cumprimento da carga horária exigida em cada etapa do componente curricular. Essas atividades poderão ser do seguinte caráter:

- observação participativa, no exercício do estágio propriamente dito;
- reflexão crítica e analogia dos aspectos observados com o referencial teórico abordado no curso;
- realização e envio do material complementar solicitado para o Tutor Presencial ou Tutor a Distância.

Uma pista para o melhor aproveitamento do estágio é realizá-lo sem restringir-se às observações/percepções feitas, às indagações contidas nos instrumentos variados nos volumes de cada etapa do estágio.

A plena imersão do aluno no estágio poderá ampliar e enriquecer a sua vivência no mundo do trabalho. Esta atividade poderá ser comprometida, caso o aluno não utilize o procedimento sugerido.

Para o aprimoramento do método de estudo, outra dica é que o aluno adote posturas complementares, tais como:

- ir além da releitura das aulas das disciplinas fundamentais à prática pedagógica sugeridas, recorrendo, sempre que possível, às obras de autores indicados em bibliografia específica;
- pontuar os aspectos principais abordados nos respectivos instrumentos, assinalando possíveis dúvidas para dirimi-las, posteriormente, junto ao Regente-Tutor, Tutor Presencial, Tutor a Distância e, em última instância, junto ao Coordenador;
- aproveitar a estratégia interativa da organização de grupos presenciais ou a distância, que favorecem a troca de informações, idéias e experiências para avançar na compreensão das atuações e relações que regem a organização da escola, a atividade docente e a prática pedagógica.

4ª parte

Sistema de avaliação

▪ Avaliação a distância (AD1 e AD2)

Após o período de dedicação semanal, pontuado no cronograma, o aluno deverá enviar o seu material complementar, norteador da prática do estágio preenchido ao Tutor Presencial de Estágio Supervisionado I situado no Pólo e ao Regente-Tutor das demais etapas, ou seja: Estágio Supervisionado II, III e IV.

A avaliação do material complementar compatível à dedicação e às atividades descritas na estrutura do componente curricular virá a compor respectivamente a nota da primeira Avaliação a Distância – AD1 e a nota da segunda avaliação a distância – AD2.

Cada Avaliação a Distância, terá peso quatro sendo assim equivalente a 40% na composição final das médias parciais: N1 e N2 .

Ao final de cada período, o conjunto do material complementar elaborado, paulatinamente, ao longo do período, pelo aluno-estagiário virá a constituir o *portfolio* da disciplina.

■ Avaliação presencial (AP1, AP2 e AP3)

Estágio Supervisionado I

Com tema inédito e eixo político-filosófico pertinente ao projeto do Curso, exigirá do aluno-estagiário nessa etapa, especialmente na Avaliação Presencial 1 (AP1), a construção de um texto de 25 a 30 linhas manuscrito. Nesse texto o aluno deverá realizar uma analogia dos conteúdos apreendidos durante o curso com a vivência dos aspectos observados no desenvolvimento do estágio.

A Avaliação Presencial 2 (AP2), nessa etapa, será constituída pela avaliação do relatório final – atividade contida no material didático, pelo Tutor Presencial, e pela avaliação do formato final do *Clipping*, pelo Tutor a Distância.

Estágio Supervisionado II

Nessa etapa, a Avaliação Presencial 1 (AP1) e a Avaliação Presencial 2 (AP2) valerão, respectivamente, por trabalhos práticos. Tais trabalhos serão definidos pelo Coordenador.

A Avaliação Presencial 2 (AP2) no Estágio II poderá ser, ainda, constituída de um relatório final, cuja responsabilidade de avaliação é do Regente-Tutor.

Estágios Supervisionado III e IV

Nessa etapa as Avaliações Presenciais (AP1 e AP2) serão constituídas pela avaliação da prova de aula a ser ministrada em local a ser acordado entre a Coordenação, a Tutoria em geral e o aluno-estagiário.

O tema da aula poderá ser sugerido pelo Regente-Tutor, que será um dos profissionais que constituirá a Banca de Prova de Aula, do local onde o aluno realiza o estágio.

O aluno-estagiário deverá apresentar o plano de aula ao Regente-Tutor que, por sua vez, deverá, além de avaliá-lo, sugerir-lhe subsídios para a realização da prova prática.

Nos Estágios Supervisionados III e IV poderá, também, ser solicitado ao aluno a elaboração de um Relatório Final – atividade contida no material didático, o qual deverá ser avaliado pelo Regente-Tutor.

IMPORTANTE: As Avaliações Presenciais I e II nas diversas etapas do componente curricular Estágio Supervisionado valem peso seis. Sendo assim, equivalem a 60% da composição final das médias parciais (N1 e N2).

Avaliação Presencial 3

A Avaliação Presencial 3 (AP3), nas diferentes etapas do componente curricular Estágio Supervisionado, vale dez pontos e será composta pelo total da soma de duas parcelas com pesos determinados, a saber:

1ª parcela: Avaliação formativa: peso quatro.

2ª parcela: Avaliação somativa: peso seis.

Avaliação formativa

Será composta por critérios de avaliação, como por exemplo: o interesse; o compromisso; a autonomia e a participação do aluno no desenvolvimento do componente curricular ao longo do período letivo.

A nota da avaliação formativa será atribuída ao aluno pelo Tutor Presencial no Estágio Supervisionado e pelo Regente-Tutor nas etapas subseqüentes.

Avaliação somativa

A Avaliação Presencial 3, em todas as etapas do Estágio Supervisionado, abordará tema inédito e eixo político-filosófico pertinente ao projeto do Curso.

Exigirá do aluno a construção de um texto de 25 a 30 linhas manuscrito a ser avaliada pelo Tutor a Distância, em que deverá realizar uma analogia dos conteúdos apreendidos durante o curso com a vivência dos aspectos observados no desenvolvimento do estágio.

Poderá se constituir na avaliação do *portfolio* da disciplina.

▪ Composição de médias

Médias parciais (N1 e N2)

A N1 e a N2 (média parcial do aluno) em todas as etapas do componente curricular Estágio Supervisionado serão, respectivamente, o resultado da média ponderada composta pela nota avaliação da AD1 e AD2 que vale 40%, pela avaliação da AP1 e AP2 que vale 60% (conforme a descrição feita na 4ª parte).

CÁLCULO DE N1 E N2

$$\frac{(AD1 \times 4) + (AP1 \times 6)}{10}$$

Caso o aluno-estagiário, após a composição da média aritmética das duas médias parciais, referentes ao período (N1 e N2) não alcançar, no mínimo, média seis – (nota suficiente, pelo regimento do curso, para ser considerado aprovado na disciplina) – deverá realizar então, a Avaliação Presencial 3.

$(N1 + N2) : 2 = 6$ ou > 6 O aluno é considerado aprovado com a nota final – resultado desta operação.

$(N1 + N2) : 2 = 6$ O aluno deverá realizar a AP3.

Cálculo da Nota da Avaliação Presencial 3 (AP3)

A AP3 do aluno, nas diferentes etapas do componente curricular da disciplina Estágio Supervisionado, vale dez pontos e será composta pelo total da soma de duas parcelas: avaliação formativa com peso quatro e avaliação somativa com peso seis.

CÁLCULO DA AP3

$$\frac{AF \times 4 + AS \times 6}{2}$$

▪ Critério para aprovação do aluno

O aluno, após ter realizado a AP3, para ser considerado aprovado, deverá alcançar na mesma, a nota igual ou maior que o cálculo de seu desempenho, feito sob a seguinte orientação:

$$\frac{20 - (N1 + N2)}{2}$$

Nota final

A nota final do aluno que realizar a AP3 será calculada da seguinte forma:

$$\frac{(N1 + N2) + AP3}{2}$$

= 5 ou > 5 = aprovado
(-) 5 = reprovado

Observação importante

Independente de qualquer aproveitamento que o aluno venha a obter no decorrer do período letivo, a sua aprovação no componente curricular Estágio Supervisionado fica submetida à comprovação da carga horária na Escola Parceira conforme a etapa da disciplina na qual o aluno está matriculado.

1ª PARTE

Preparando o estágio

APRESENTAÇÃO

Olhando um pouco para trás, você pode ver o caminho percorrido até aqui desde o Estágio I: observações, impressões, vivências, surpresas, reflexões; muito trabalho, umas tantas dificuldades (também, com certeza, alguma tensão, alguma ansiedade...); vários contatos, grandes descobertas (algumas, sobre sua própria capacidade de superar novos desafios...); satisfação e frustração – tudo isso fez de você uma pessoa mais madura, mais preparada para enfrentar a nova etapa de vida profissional que se abrirá em breve. O Estágio IV é o final desse percurso... e o início de um outro! Vida afora, a cada ano, a cada nova turma, você continuará aprendendo com a experiência prática e se tornará um professor sempre melhor.

No Estágio IV, aumenta ainda mais sua participação no trabalho efetivo com uma turma de Ensino Fundamental ou Médio. Você vai retomar algumas atividades que já conhece e realizar outras novas. Vai também ter oportunidade de refletir sobre novas questões relevantes para nossa atividade como professores.

Sendo este o seu último período de estágio, procuramos lembrar a importância de prosseguir sempre estudando – de ser “educador de si mesmo”. O curso de Licenciatura que você está preste a concluir é apenas o início de uma trajetória contínua de aprendizagem e aperfeiçoamento.

Este livro tem a mesma estrutura com a qual você já está familiarizado. Nesta primeira parte, apresentamos, para sua reflexão, algumas questões que devem ajudá-lo a se preparar para as atividades na escola, orientando sua atenção e despertando sua sensibilidade. Na segunda parte, são apresentadas as orientações práticas necessárias ao desenvolvimento do trabalho. Finalmente, na terceira parte, você encontra a agenda de atividades para o registro e acompanhamento de sua produção.

Esperamos que você possa caprichar e concluir com grande proveito esta última etapa!

QUESTÕES INICIAIS

Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é um dos grandes desafios que se apresentam hoje ao professor dos Ensinos Fundamental e Médio. Por um lado, todos sentimos a necessidade de transcender os limites de nossas disciplinas específicas, a fim de proporcionar a nossos alunos uma visão mais articulada e completa da realidade, uma relação menos fragmentada com o conhecimento. Por outro lado, na busca de práticas interdisciplinares, enfrentamos todo tipo de dificuldades, desde os limites impostos por nossa própria formação – que é, em geral, focada de modo estrito em uma área disciplinar – até as árduas exigências de todo trabalho em equipe: a necessidade de dialogar e negociar, a renúncia individual a certas preferências, a escassez de tempo, a necessidade de estudar e aprender coisas novas...

Em síntese, podemos dizer que o principal obstáculo para uma prática pedagógica interdisciplinar é a dificuldade de romper com práticas e estruturas escolares tradicionais: a organização e o funcionamento da escola (seja nos currículos, seja na divisão das tarefas, seja na distribuição do tempo ou nas formas de avaliação) não favorecem os contatos e trocas entre diferentes áreas do saber.

No entanto, é preciso tentar encontrar caminhos. Afinal, a experiência já nos provou que a compartimentalização do conhecimento em áreas estanques não é o ideal para favorecer a formação de nossos alunos – especialmente no mundo atual, em que é necessário, cada vez mais, ter agilidade e flexibilidade para lidar com novos problemas, novas tarefas, novas informações.

Historicamente, a divisão do conhecimento em inúmeras áreas especializadas – as disciplinas – atendeu a uma necessidade: à medida que o conhecimento humano se desenvolvia e avolumava, foi-se tornando gradativamente mais difícil, para uma única pessoa, “saber tudo”. A especialização disciplinar é, assim, uma forma de divisão de tarefas. Ela nos dá vantagens, é claro. Com grupos de estudiosos especializados, cuja atenção se volta para uma porção bem delimitada da realidade, o conhecimento pode se aprofundar mais em cada área. Por outro lado, sem dúvida, pagamos um preço por isso: praticamente não conseguimos evitar que o conhecimento se fragmente – ou seja, que nossa visão da

realidade se fragmente. E aí começa nosso problema, porque a realidade em si, afinal, é um todo – não é composta de uma infinidade de fragmentos desconectados uns dos outros.

O caminho em busca de uma prática pedagógica que favoreça as relações interdisciplinares deverá partir do reconhecimento desse fato: a realidade em que vivemos é “interdisciplinar”, no sentido de que nenhuma disciplina, sozinha, dá conta de todos os aspectos dela. Veja, por exemplo, como Rubem Alves descreve os conhecimentos que entram em jogo quando uma dona de casa faz suas compras na feira:

Seu senso comum trabalha com problemas econômicos: como adequar os recursos de que dispõe, em dinheiro, às necessidades de sua família, em comida. E para isto ela tem de processar uma série de informações. Os alimentos oferecidos são classificados em indispensáveis, desejáveis e supérfluos. Os preços são comparados. A estação dos produtos é verificada: produtos fora de estação são mais caros. Seu senso econômico, por sua vez, está acoplado a outras ciências. Ciências humanas, por exemplo. Ela sabe que alimentos não são apenas alimentos. (...) Uma refeição é uma dádiva da dona de casa, um presente. Com a refeição ela diz algo. (...) A escolha de alimentos, assim, não é regulada apenas por fatores econômicos, mas por fatores simbólicos, sociais e políticos. Além disso, a economia e a política devem fazer lugar para o estético: o gostoso, o cheiroso, o bonito. E para o dietético. Assim, ela ajunta o bom para comprar, com o bom para dar, com o bom para ver, cheirar e comer, com o bom para viver (ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência – Introdução ao Jogo e suas Regras*. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp.13-14).

Quer dizer: para resolver problemas, inclusive os problemas práticos de nosso cotidiano, o comum é que precisemos lançar mão de diferentes coisas que sabemos, integrando-as, sem nos importarmos se pertencem a esta ou àquela área, e sem nos preocuparmos com onde ou como aprendemos essas coisas.

Na vida prática, portanto, ocorre uma situação bem diferente da que normalmente encontramos na escola. Em nossa vida, “combinamos” os vários conhecimentos de acordo com nossas necessidades e finalidades; na escola, eles costumam ser mantidos em “territórios” separados e, muitas vezes, parece até que esses territórios têm “donos”...

Veja só esta situação, que parece uma anedota, mas aconteceu de verdade:



Certa vez, uma professora de Língua Portuguesa, circulando entre os alunos na sala de aula, viu, de relance, uma palavra grafada incorretamente no caderno de um menino. Informou ao aluno a forma correta da palavra e ouviu dele o seguinte: “Ah, professora! Peguei a senhora... Esse caderno não é de Português, é de História...”

O que o comentário do menino revela sobre o modo como a escola apresenta o conhecimento aos alunos?

Esse comentário, com certeza, reflete a percepção que a criança tem dos conteúdos escolares como informações isoladas, com existência e importância somente dentro de uma área muito restrita. É evidente que essa percepção da criança é criada e alimentada pela forma como a escola lhe apresenta o conhecimento. É possível também entender por que os alunos têm tanta dificuldade em transferir aquilo que aprendem para resolver problemas novos e interpretar novas situações por isso, a busca de práticas interdisciplinares se faz necessária.

A valorização, na escola, das relações que podem ser estabelecidas entre conteúdos e habilidades desenvolvidos por diferentes disciplinas ajuda os alunos a ver o conhecimento de forma mais abrangente e integrada, fornece-lhes instrumentos mais eficazes para lidar com a complexidade do mundo e os incentiva a explorar, mais livre e criativamente, sua própria curiosidade e possibilidade de aprender.

Reconhecer essa necessidade e partir das experiências reais da vida: esse é o primeiro passo. Porém, a busca por uma prática interdisciplinar exige ainda disposição e interesse do próprio professor: em ler, estudar, aprender coisas novas, trocar informações com colegas – enfim, expandir os limites de sua percepção da realidade, em geral muito influenciados por sua própria formação e por sua área de trabalho. É importante que o professor cuide constantemente da ampliação de seus horizontes culturais pessoais e procure manter-se atualizado e aprimorar seus conhecimentos, não apenas em sua disciplina específica, mas de um modo geral. Buscando sempre ser uma pessoa mais interessante, você se tornará, provavelmente, um professor cada vez mais interessante...

Devemos ter em mente, ainda, que educação não acontece apenas na sala de aula. Muitas situações do dia-a-dia da comunidade escolar podem ensejar atividades interdisciplinares significativas.



Você já vivenciou ou tem conhecimento de alguma situação real que exemplifique a compartimentalização do conhecimento na escola?
Como estudante, você alguma vez sentiu os efeitos negativos dessa compartimentalização?
Alguma vez teve oportunidade de participar de atividades de caráter interdisciplinar?
O que achou delas?
O que você, como professor de uma disciplina específica, poderia fazer para favorecer práticas pedagógicas interdisciplinares?

Durante o Estágio IV, reflita sobre questões como essas e explore possibilidades interdisciplinares ao realizar suas tarefas.

Caso deseje aprofundar suas reflexões, sugerimos a leitura de FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. Campinas: Papyrus, 1994.

Alunos portadores de necessidades especiais

Uma das questões mais atuais na educação é a inclusão, em turmas regulares, dos alunos portadores de necessidades especiais. Ao longo da história, diversos têm sido os tratamentos dados a essa parcela da população, que inclui pessoas nos mais diferentes tipos de situações: deficientes físicos, visuais, auditivos; deficientes mentais, portadores de distúrbios neurológicos e assim por diante.

Em passado mais distante, a maioria dessas pessoas era segregada e confinada no interior de suas residências ou em asilos, ficando, desse modo, alijada do processo educacional escolar. Quando filhos de famílias abastadas, recebiam instrução através de preceptores e professores particulares; quando pobres, nem isso.

Mais tarde, por volta da década de quarenta do século passado, surgiu o conceito de escolas especializadas nas diferentes necessidades: escolas para surdos, para cegos, para portadores de síndrome de Down etc. Tais instituições procuram fornecer aos estudantes tanto a escolaridade fundamental e média quanto algum tipo de formação profissional, com vista a desenvolver sua autonomia e possibilitar sua futura inclusão na sociedade através do trabalho. Com o passar do tempo, esses educandários foram aperfeiçoando suas metodologias e técnicas de ensino a um ponto tal que se tornou possível, a muitos dos alunos, prosseguirem seus estudos em cursos de graduação das mais diferentes áreas e virem a ser profissionais bem-sucedidos.

Essas instituições, contudo, são, de modo geral, em número insuficiente, por serem muito dispendiosas. Esse fator, associado ao conceito moderno de inclusão, fez com que esse tipo de educação passasse a ser questionado por um ponto de vista que propõe que a escola deva dar conta de todos os tipos de alunos, inclusive daqueles portadores de quaisquer tipos de necessidades especiais.

É evidente que toda e qualquer proposta educacional inclusiva é interessante. Já é consenso que, quanto mais as crianças com necessidades especiais convivem com outras crianças, melhor se desenvolvem, ao passo que essas outras crianças, aprendendo desde cedo a conviver com as diferenças, tendem a cultivar menos preconceitos.

Todavia, há questões fundamentais a serem analisadas e avaliadas nessa solução: Está a escola regular instrumentalizada para atender às necessidades desses alunos? Estão os profissionais que nela atuam habilitados a trabalhar com esses alunos e com os outros simultaneamente? Estão preparados, enquanto pessoas e enquanto educadores, não só para saber conviver com a diferença, mas também para educar os alunos para esse convívio?

De nada adiantaria “incluir” essas pessoas na escola apenas para dizer que ela é inclusiva e, por isso, “politicamente correta”, se esse novo aluno ficar à margem do processo. É necessário que a escola esteja capacitada, através de profissionais especializados, a tornar esse aluno um sujeito de seu processo ensino/aprendizagem, inserido de fato na sociedade.

Não adianta acusar as instituições especializadas de serem fruto de uma ideologia segregacionista, sem conseguir substituir a eficácia de seus métodos por outros pelo menos igualmente competentes.

Inserir adequadamente o aluno portador de necessidades especiais na escola regular implica transformá-la como um todo, das instalações físicas à mentalidade, dos objetivos aos procedimentos. E isso não é tarefa pequena. Basta pensar como a escola consegue (ou não) lidar com as diferenças mínimas entre seus alunos “normais” – brancos e negros, gordos e magros, calmos e agitados, com melhor ou pior desempenho, com habilidades, talentos e interesses diversos...



Procure observar a situação dos alunos com necessidades especiais na escola em que você desenvolve seu Estágio IV:
Eles têm sido adequadamente atendidos? Como ocorre esse atendimento?
Como eles se relacionam com os colegas?
O que poderia ser feito para melhorar a qualidade do ensino oferecido a eles?
Você, como estagiário e futuro professor, sente-se preparado para atuar junto a esses alunos? O que pode fazer para estar cada vez mais apto para essa tarefa?

Caso você queira ler e refletir mais sobre Educação Especial, sugerimos as seguintes obras:

BIANCHETTI, Lucídio e Ida Maria Freire (orgs.). *Um Olhar sobre a Diferença*. Campinas: Papirus, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. *A Nova LDB e a Educação Especial*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. *Deficiência Múltipla e Educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1999.

SASSAKI, Romeu Kasumi. *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Comportamento e relacionamento em sala de aula

Até algum tempo atrás, na assim chamada escola tradicional, as normas disciplinares eram rígidas, claras e padronizadas, refletindo o modo como a sociedade estava ou pretendia estar estruturada.

Muitos foram os padrões comportamentais que se modificaram nas últimas décadas, seja na esfera dos relacionamentos pessoais, seja nas relações sociopolíticas, marcando o questionamento e o descarte de valores, convenções e códigos de conduta, considerados ultrapassados, sem que, contudo, tivéssemos tempo ou oportunidade de substituí-los por outros. A própria estrutura de diversas instituições, a começar pela família, passou por grandes transformações; uma série de referenciais milenares foram desqualificados. Nesse panorama mutável e incerto, a escola se vê em uma situação, no mínimo, delicada.

Sua estrutura (objetivos, organização por segmentos, divisão das disciplinas, regulamentos, critérios de avaliação, aprovação e reprovação) ainda é, em grande parte, a da escola neoclássica, instituída no século XVIII, mas dela se espera que prepare as novas gerações para o futuro. Uma vez que a estrutura familiar se modificou, é cada vez maior o papel

solicitado da escola nos aspectos formativos (além dos informativos) da vida do aluno; porém, tendo a sociedade se tornado mais condescendente e liberal, espera que a escola faça o mesmo.

São essas algumas das muitas contradições em meio às quais a escola se vê enredada, e os aspectos ligados ao comportamento e às atitudes dos alunos são os que mais embaraços apresentam.

É esperada da escola uma função formadora, ou seja, modeladora do comportamento, com vista à formação de cidadãos mais conscientes, íntegros e participativos, sem que lhe sejam conferidos, contudo, a real autonomia, os meios e as possibilidades para isso. É cada vez mais comum pais de alunos recorrerem a instâncias jurídicas para questionarem as escolas sobre abuso de autoridade e medidas coercitivas, logo constrangedoras para os alunos.

Diante de tudo isso, o fato é que, na sala de aula, o professor se vê muitas vezes em dificuldades para manter seus alunos com atitude disciplinar adequada. Conversar, ouvir *diskman*, comer, colocar os pés sobre mesas e cadeiras, ler revistas são algumas das atitudes indesejadas que o tempo todo geram conflitos e prejudicam o andamento da aula. O que fazer?

Uma das práticas que auxiliam o bom desenvolvimento do trabalho em sala de aula é o estabelecimento de regras claras desde o primeiro contato. Se, no primeiro dia de aula, não apenas apresentamos aos alunos os conteúdos a serem estudados, mas também aqueles que consideramos os comportamentos, hábitos, atitudes, direitos e deveres que deverão nortear o trabalho e o relacionamento em sala durante o ano letivo, e discutimos sua importância com a turma, teremos um bom caminho andado para o transcurso bem-sucedido das atividades.

Parte indispensável desse processo é a coerência que nós, professores, temos de manter entre aquilo que dizemos que iremos fazer e o que realmente fazemos. Ameaçar tomar atitudes enérgicas e depois não fazê-lo serve apenas para enfraquecer a imagem do professor. Da mesma forma, o professor que proíbe os alunos de entrarem em sala atrasados, mas não respeita, ele mesmo, os horários de início e término das aulas perde a credibilidade e faz parecer que as regras estabelecidas não são importantes. Ao contrário, a fixação de normas claras e o respeito às mesmas, de ambas as partes, gera reconhecimento por parte dos alunos de que aquele professor é sério e cumpre aquilo a que se propõe.

Essas normas estabelecidas entre alunos e professor, no início do ano, devem, com certeza, antes de mais nada, estar de acordo com as normas gerais da escola. É interessante, também, propor aos outros professores da turma estabelecê-las em conjunto, o que garantiria maior peso às mesmas. Elas podem ser escritas e colocadas no mural da sala de aula.

Em qualquer caso, é necessário ficar claro para os alunos que não se trata de normas gratuitas, impostas ao sabor do mero capricho do professor, mas de regras funcionais, ou seja, parâmetros que visam a garantir condições adequadas com vista a um trabalho proveitoso para todos. A disciplina é norteadada pela natureza da tarefa que se está realizando. Assim, por exemplo, o barulho de conversa ou de risadas na sala durante uma exposição de conteúdos ou durante um debate impede a participação e o aproveitamento da atividade por um grande número de alunos, mesmo por aqueles que não estão conversando ou brincando. Portanto, a conduta exigida em sala não é mais nem menos que parte do respeito que cada pessoa deve às demais – incluídos o professor e os colegas de turma.

O professor precisa ainda tomar cuidado para que dificuldades com o comportamento dos alunos não venham a prejudicar seu relacionamento com a turma. Firmeza e coerência não podem dar lugar a agressão e arbitrariedade. Há casos em que a irritação do professor diante de comportamentos indesejáveis agrava o problema. Envolver os alunos em um processo contínuo de avaliação do trabalho realizado, incluindo os aspectos relativos à conduta, pode ser um caminho para o amadurecimento de todos e a melhoria do relacionamento e das condições de trabalho.

Finalmente, é fundamental que eventuais sanções e punições pelo descumprimento das normas tenham caráter educativo. Por exemplo, em vez da tradicional suspensão, durante a qual o aluno fica em casa (muitas vezes, como se estivesse “de folga”), seria mais interessante que o mesmo fosse à escola para prestar serviços comunitários, como ajudar a arrumar a biblioteca ou a alçar folhas na mecanografia.



Ao longo dos períodos de estágio, você observou alguma situação problemática quanto ao comportamento dos alunos em aula ou quanto ao relacionamento do professor com a turma e dos alunos entre si? Que soluções foram encontradas? Você as considera adequadas?

Você acha que certos tipos de atividades didático-pedagógicas, em comparação com outros, podem favorecer ou dificultar uma atitude de envolvimento e, portanto, influenciar a conduta dos alunos? Quais seriam esses tipos de atividades, e em que casos poderiam fazer diferença?

FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Você já notou como a palavra cidadania tem estado em evidência no momento? Mas o que significa, afinal, *cidadania*? E que relação tem com nosso trabalho como professores?

Cidadania é a condição de cidadão. Simplificando um pouco, podemos dizer que um cidadão é um indivíduo que, por um lado, usufrui plenamente os direitos garantidos a todos pela sociedade em que vive e, por outro lado, também contribui para o bem comum, cumprindo seus deveres sociais – e contribuir (com seu trabalho, suas opiniões, sua participação em geral) é também, afinal, um direito.

Essa definição simplificada já basta para percebermos quanto a sociedade brasileira ainda precisa construir nesse terreno. Todos sabemos que muitos em nosso país vivem privados de direitos elementares, como saúde, segurança, alimentação, moradia – e educação. A mudança de tal estado de coisas deveria ser uma prioridade para todos nós, cidadãos brasileiros. *Inclusão* é, em última análise, a garantia a todos, sem exceção, dos direitos inerentes à cidadania.

É evidente que nós, professores, temos um papel importante a cumprir nesse cenário. Se, por um lado, pode não estar ao nosso alcance, como indivíduos, transformar definitivamente o quadro de injustiça e exclusão que conhecemos, por outro lado cabem-nos responsabilidades no preparo das futuras gerações para que essa situação se altere. Algumas das habilidades e atitudes para as quais precisamos preparar nossos alunos, a fim de que cidadania, em nosso país, seja uma condição de fato para todos, são as seguintes:

- ser capaz de cuidar de si mesmo: de sua saúde, de sua integridade física, de seus relacionamentos familiares e sociais, de sua formação;

- conhecer seus direitos e exigir que sejam respeitados;
- reconhecer que as outras pessoas têm os mesmos direitos e respeitá-los;
- aceitar, respeitar e valorizar todos os tipos de diferenças entre as pessoas;
- ter condições de usufruir do patrimônio cultural comum e participar da produção cultural corrente;
- ter condições de lidar com ferramentas de trabalho necessárias no mundo contemporâneo, principalmente os diferentes recursos tecnológicos;
- responsabilizar-se por tarefas, seja individualmente, seja em equipe;
- ter condições de se manter informado sobre as questões importantes para sua comunidade, para o país e para o mundo, e participar delas com suas opiniões, suas propostas e sua ação;
- zelar por aquilo que pertence a todos, como os bens públicos;
- relacionar-se com o meio ambiente de maneira favorável à sua preservação.

Como você pode ver, muitos itens dessa lista de habilidades e atitudes (como outros que você talvez deseje acrescentar a ela) não pertencem, a rigor, a esta ou àquela disciplina do currículo escolar. No entanto, são importantes para a formação dos alunos. Logo, cabe a cada escola e a cada professor atentar para eles e descobrir formas de dar sua contribuição.

É claro que os conteúdos disciplinares específicos podem auxiliar – aliás, em última análise, qualquer trabalho educacional só faz sentido se tiver em vista a formação plena do cidadão. Assim, por exemplo, conteúdos específicos da área de Biologia são importantes para que o aluno se capacite a cuidar melhor de sua saúde e do meio ambiente; um bom domínio da Língua Portuguesa é necessário para que possa se manter bem informado (por exemplo, por meio da leitura de jornais); conhecimentos da área dos estudos sociais, como os de História e Geografia, facilitam a compreensão de que diferenças culturais não significam superioridade ou inferioridade entre grupos sociais ou entre indivíduos, e favorecem, assim, atitudes de tolerância e boa convivência. Devemos, no entanto, lembrar que a formação para a cidadania é dever

e tarefa de todos os educadores e professores, independentemente de sua área disciplinar específica. Além disso, é uma tarefa que se faz todos os dias, em cada detalhe de nossa atuação, inclusive no exemplo de comportamento que nós, professores, representamos para nossos alunos, mesmo quando não estamos cientes de que o fazemos.

O ambiente escolar oferece inúmeras situações em que habilidades e atitudes como as identificadas aqui podem e devem ser tomadas como objeto de reflexão e ação por alunos e professores. Alguns exemplos concretos:



Como os alunos (desta escola, desta turma...) se relacionam com seus colegas? Aceitam as diferenças, acolhem uns aos outros sem discriminação, resolvem suas divergências de modo pacífico?

Como os alunos lidam com o espaço físico da escola? Têm cuidado com os materiais e equipamentos que usam, procuram conservar a limpeza e a arrumação? Colaboram para que o ambiente físico seja o mais agradável possível?

Que atitudes os alunos têm com relação a suas próprias tarefas escolares? Cumprem prazos, empenham-se com honestidade em fazer o melhor que podem, contribuem com sugestões de atividades, participam ativamente da avaliação do trabalho realizado?

De que modo os alunos tomam parte nas questões da comunidade onde a escola se localiza? Interessam-se por seus problemas, procuram dar sua contribuição?

A partir do exame dessas questões, é possível identificar áreas a serem trabalhadas na escola como um todo, ou em uma turma específica. O trabalho será tão mais produtivo quanto maior for o envolvimento de todos os membros da comunidade escolar. A elaboração de projetos interdisciplinares, com a participação de diferentes professores, pode se revelar uma boa estratégia para realizações bastante produtivas e gratificantes nesse terreno.

Orientações práticas

2^a PARTE

Com a finalidade de tornar seu período de formação o mais rico e variado possível, é importante que você faça o Estágio IV em uma turma-base diferente daquelas em que fez os Estágios II e III. O ideal é variar também o regente-tutor, a série, o grau de ensino – dentro do possível.

O Estágio IV tem o total de 150 horas, distribuídas conforme você pode ver no plano de atividades, a seguir. O Quadro I do plano corresponde às atividades de observação e co-participação, incluindo as reuniões com o regente-tutor. De modo geral, você já sabe como proceder no desenvolvimento e registro dessas atividades, pois as vem realizando desde o Estágio II. Observe que, sempre procurando tornar seu estágio mais ativo, a carga de observação de aulas está menor. Em compensação da carga horária que foi reduzida nesse item, você realizará uma nova atividade: a preparação e aplicação de processo de avaliação para Conselho de Classe, exposta adiante em detalhes.

O Quadro II reúne as atividades a serem feitas fora da escola. Certamente, você não desconhece que, na atuação profissional de qualquer professor, há uma grande quantidade de trabalho feito fora da sala de aula, incluindo a preparação de atividades e materiais, a avaliação da produção dos alunos e o próprio estudo pessoal. No Estágio IV, assim como nos anteriores, procuramos representar, da melhor forma possível, o trabalho real de um professor. Por isso, a atividade de correção de trabalhos de alunos será realizada novamente, já que ela sempre é parte da rotina docente normal.

A Atividade 5 – leitura do material didático da disciplina e pesquisa bibliográfica – você já sabe como realizar. Lembramos que ela não é passível de anotação na agenda. Também a Atividade 9, elaboração de relatório final, já lhe é familiar. Sugerimos que você volte a empregar o roteiro apresentado no livro do Estágio I. Dessa vez, porém, acrescente a seu relatório uma avaliação final, relativa à sua experiência global nos quatro períodos de estágio. Se preciso, consulte seus relatórios anteriores para formular a avaliação final. Uma perspectiva assim mais ampla é importante no fechamento dessa etapa de sua formação.

Temos, no Quadro II, duas atividades novas: a leitura e elaboração de resenha de um livro sobre metodologia de ensino (Atividade 7) e a elaboração de um projeto de atividade extraclasse (Atividade 8), ambas explicadas adiante.

Estágio IV**Plano de Atividades****Carga horária total: 150h****I. Carga horária em atividades de observação e co-participação: 50h****II. Carga horária em atividades fora da escola: 60h****III. Carga horária em atividades de participação: 40h****I. Atividades de observação e co-participação**

Atividade	CH (horas)
1. Observação de aulas	10 a 15
2. Co-participação (correção de exercícios em aula, aplicação e acompanhamento de atividades pedagógicas, orientação e atendimento a alunos, narração de histórias, planejamento e montagem de mural, exposição de conteúdo, acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem, aplicação de prova ou teste, auxílio em atividade extraclasse)	20 a 25
3. Reuniões com o regente-tutor (orientação/planejamento/avaliação)	8
4. Preparação e aplicação de processo de avaliação para Conselho de Classe	7
CARGA HORÁRIA TOTAL	50

II. Atividades fora da escola

Atividade	CH (horas)
5. Leitura do material didático da disciplina e pesquisa bibliográfica	10
6. Correção/avaliação de trabalhos de alunos	5
7. Leitura e elaboração de resenha de livro sobre metodologia de ensino	15
8. Elaboração de projeto de atividade extraclasse	25
9. Elaboração do relatório final	5
CARGA HORÁRIA TOTAL	60

III. Atividades de participação

Atividade	CH (horas)
10. Elaboração de texto-base	15
11. Elaboração de planos de aula	4
12. Confecção de material didático	10
13. Confecção de instrumento de avaliação	5
14. Aulas	6
CARGA HORÁRIA TOTAL	40

Assim como no Estágio III, todas as atividades foram propostas para serem realizadas em uma única turma de Ensino Fundamental ou Médio – sua turma-base, à qual você estará ligado durante todo o período de desenvolvimento da disciplina. No entanto, se nas condições concretas de realização do estágio isso não for possível, você pode planejar, com o regente-tutor, alternativas para cumprir parte da carga horária de observações e co-participações em outra turma.



ATIVIDADES

2. Co-participação

Como você já sabe, a co-participação engloba atividades que você realiza na escola, junto à sua turma-base. No Estágio IV, você retomará o elenco de co-participações que já vem praticando desde o Estágio II, além de mais dois tipos de atividades que acrescentamos agora: aplicação de prova ou teste e auxílio em atividade extraclasse. As orientações para as atividades já conhecidas se encontram nos livros dos Estágios II e III, que você deve voltar a consultar sempre que sentir necessidade. Para as duas atividades novas, apresentamos orientações adiante.

Lembramos que é bom se você puder aproveitar a nova oportunidade, no corrente semestre, para realizar os tipos de co-participação que ainda não fez, bem como para voltar a fazer aqueles que praticou menos, aqueles em que sentiu maior dificuldade ou aqueles de que gostou mais. Há atividades que são centrais na rotina diária de qualquer professor, como, por exemplo, a correção de exercícios em sala de aula; por isso, praticá-las nunca é demais.

Lembramos também que, assim como nos semestres anteriores, não é obrigatório que você execute todos os tipos de co-participação propostos. Imprescindível é que você complete a carga horária (de 20 a 25 horas-aula) destinada às co-participações, de preferência com a maior variedade possível de tipos de atividades, sempre de acordo com seu interesse e as possibilidades efetivas da turma-base. Lembramos, finalmente, que, para ter uma hora de co-participação anotada na agenda de atividades, não é necessário que sua atuação junto à turma tenha, de fato, sessenta minutos de duração. Se você permanecer em sala com a turma por um tempo completo de aula, e, nesse período, trabalhar efetivamente por, no mínimo, quinze minutos (sendo o restante do tempo assumido pelo regente-tutor ou por outros estagiários), essa tarefa pode ser anotada em sua agenda como uma hora de co-participação.

Aplicação de prova ou teste

Embora provas e testes não sejam o único instrumento possível para avaliação da aprendizagem, nem tenham precisão e objetividade acima de qualquer questionamento, continuam a ser instrumentos importantes em muitas escolas e para muitos professores. Por isso, no Estágio IV, você poderá praticar a aplicação de prova ou teste como uma das atividades a serem desenvolvidas junto à turma-base.

Não existe, a rigor, diferença técnica entre prova e teste, ainda que, em certos casos, o nome “teste” seja reservado para trabalhos mais simples e rápidos, e “prova” para trabalhos mais demorados e completos. Há também professores que evitam a denominação “prova” por julgar que ela apresenta conteúdo emocional negativo muito forte, que poderia afetar o desempenho dos alunos, e por isso usam apenas a designação “teste”.

Aqui, consideramos sinônimos os termos “prova” e “teste”, que designam um instrumento tradicional e formal de avaliação.

Tipicamente, podemos definir uma prova como um trabalho individual escrito realizado pelo aluno em sala de aula, com a presença do professor, em tempo limitado e previamente estipulado, e sem consulta. Claro que essa é uma definição “típica”, que nem sempre corresponde às provas reais que ocorrem no dia-a-dia de todas as escolas. Antigamente eram muito comuns, por exemplo, as provas orais – que hoje praticamente caíram em desuso, a não ser no caso do ensino de línguas estrangeiras. Além disso, podem ser realizadas provas com consulta, provas em dupla ou grupo, ou provas a serem resolvidas em casa.

Para efeito das orientações para esta atividade do estágio, porém, consideraremos a “definição típica” formulada aqui. Se as condições de realização da prova que você vai aplicar forem diferentes, você precisará fazer os ajustes cabíveis, para os quais poderá aproveitar as orientações oferecidas no livro do Estágio II sobre aplicação e acompanhamento de atividades pedagógicas em geral. Tenha em mente que professores e escolas variam muito em sua forma de lidar com provas. As orientações que apresentamos a seguir resultam de nossa experiência pessoal com esse tipo de tarefa, e devem ser tomadas como sugestões a serem adaptadas a cada situação concreta.

Ao se aplicar uma prova em seu formato típico, o principal cuidado deve ser com o ambiente de realização do trabalho. A sala de aula deve estar arrumada de modo apropriado, com as mesas ou carteiras suficientemente espaçadas, não só para desencorajar a comunicação entre os alunos, mas também para permitir a circulação, se necessária, sem que um atrapalhe o outro. Tanto os alunos, como o professor ou estagiário que aplica a prova devem falar o mínimo possível, pois perguntas, correções, brincadeiras ou quaisquer comentários feitos oralmente podem afetar a atitude de concentração necessária ao bom cumprimento da tarefa. Se houver mais de uma pessoa aplicando a prova (dois estagiários, por exemplo), o cuidado quanto a esse ponto deve ser redobrado, pois a tendência é que esses dois responsáveis acabem conversando um com o outro durante o trabalho, e isso pode perturbar os alunos, mesmo que a conversa seja em voz muito baixa.

Ainda que, em condições ideais, uma prova devesse ser parte natural do processo pedagógico, representando nada mais que uma pausa para avaliação, e encaixando-se coerentemente no fluxo normal das diversas atividades planejadas, é comum que alguns alunos sintam-se nervosos e, em função disso, acabem assumindo comportamentos que perturbam o clima de tranquilidade desejável no decorrer da atividade. Se isso ocorrer, você pode ajudar mantendo a calma e transmitindo segurança. Evite atitudes ou comentários que possam causar ansiedade ou irritação nos alunos. Observações como “se você tivesse estudado não estaria nervoso”, ou “agora é que vamos ver quem realmente participou bem das aulas”, assim como quaisquer comentários sobre a prova em si (“está fácil”, “está

difícil”, “só vai se sair bem quem ler com muita atenção”...) só servem para deixar os alunos mais tensos.

Não é aconselhável, seja durante o trabalho, seja antes de seu início, ler a prova junto com os alunos, explicar os enunciados das questões ou recapitular detalhes da matéria estudada. Todos esses procedimentos consomem tempo que deveria ser destinado à solução da tarefa em si, e ainda criam o risco de deixar os alunos confusos. Se a prova tiver sido bem formulada e revisada, a leitura das questões não apresentará problemas. É preciso que fique claro para os alunos que essa leitura é parte da própria tarefa proposta.

Durante todo o período que durar a prova, fique atento e não permita tentativas de fraude (a popular “cola”). Não se ocupe de outra tarefa, como leitura, correção de trabalhos, arrumação de papéis... Se a prova for individual e sem consulta (a situação típica tomada aqui como base), é importante que essas condições sejam respeitadas, não apenas para garantir a eficácia do processo avaliativo escolhido, mas também para deixar claro, numa perspectiva formativa, que honestidade intelectual, ética e respeito a regras são valores dos quais não se pode abrir mão.

O empréstimo de materiais (como borrachas ou canetas) entre os alunos, a possibilidade de deixar a sala durante a prova (por exemplo, para ir ao banheiro ou beber água), a possibilidade de fazer a prova a lápis, o atendimento individualizado, mediante solicitações dos alunos, para tirar dúvidas – todos esses são detalhes sobre os quais os procedimentos variam muito de escola para escola e de professor para professor. De modo geral, é preciso levar em conta a idade e a série dos alunos – por exemplo, convém ser mais flexível com uma quinta série, pode-se cobrar mais formalidade no Ensino Médio... Por isso, é importante você se informar previamente com o regente-tutor sobre as atitudes a tomar nesses casos. Quaisquer que sejam os procedimentos adotados, eles devem ser claramente informados aos alunos com antecedência.

À medida que for recolhendo as provas, vá organizando-as de modo a facilitar a tarefa de correção. A maioria dos professores já as arruma em ordem alfabética nesse momento – o que facilita o lançamento posterior das notas. O ideal, se a escola permitir, é que o aluno que entregar a prova deixe a sala. Quando um aluno permanece na sala sem uma tarefa, pode acabar atrapalhando os outros com brincadeira, conversa, interferências no trabalho.

Ao se aproximar o fim do período previsto para a realização da prova – os últimos dez ou quinze minutos – avise quanto tempo falta aos alunos que ainda não tiverem terminado. Isso permite que eles se organizem para concluir a tarefa da melhor forma possível no tempo que resta.

Auxílio em atividade extraclasse

Você sabe que o processo educativo não acontece apenas dentro dos limites da sala de aula. Entre as atividades escolares, as extraclasse desempenham a importante função de enriquecer a vivência dos alunos,

seja no domínio cognitivo, seja no socioafetivo. Elas permitem tornar mais concretos os conteúdos de ensino, tornam mais claras as ligações entre esses conteúdos e a realidade, favorecem a aplicação e transferência da aprendizagem para a compreensão de situações novas. Por tudo isso, e também por representarem uma quebra na rotina, deixam a escola muito mais interessante e motivante.

Adiante trataremos com mais detalhes das atividades extraclasse, já que, neste período de estágio, você vai preparar um projeto para realizar com os alunos uma atividade desse tipo (Atividade 8). Como co-participação, além de todas as atividades que já conhece, você poderá ainda prestar auxílio ao regente-tutor em uma atividade extraclasse desenvolvida com a turma-base. A atividade, nesse caso, pode ser aquela que você vai propor em seu projeto, ou alguma outra, programada pelo regente-tutor ou pela escola.

Em geral, quando falamos em atividade extraclasse, temos em mente algum trabalho realizado fora dos muros da escola – embora um trabalho realizado dentro da escola, mas fora das aulas propriamente ditas, também possa ser designado assim. A rigor, qualquer “dever de casa” é uma atividade extraclasse. Nesta co-participação, porém, vamos considerar aquelas ocasiões em que a turma deixa a escola, acompanhada de um ou mais professores, para fazer algum passeio, visita ou trabalho de campo. Nesses momentos, uma das dificuldades que costuma se apresentar é justamente a necessidade de mobilizar um número suficiente de professores (ou outros responsáveis, como funcionários da escola e pais) para assumir a grande responsabilidade de conduzir os alunos em ambientes externos diversos, responsabilidade que é tão mais delicada quanto mais jovens são os alunos.

É aí que você, estagiário, entra! Você vai acompanhar o grupo e prestar o auxílio que for necessário ao regente-tutor (ou a outro responsável pelo trabalho, se for o caso). Aqui, como temos visto de modo geral em outras atividades, a chave do sucesso são o planejamento e a organização. Converse antes com o regente-tutor e veja o que ele precisa que você faça. Alguns lembretes sobre procedimentos gerais podem ajudar:

- Pontualidade é indispensável. Um atraso no início da atividade pode acarretar uma série de problemas incontornáveis. Esteja no local combinado, pronto para iniciar o trabalho, alguns minutos antes da hora marcada.
- Arrume, na véspera, todos os pertences pessoais que você vai precisar levar. Dependendo do tipo de trabalho, pode ser necessário levar boné, protetor solar, uma muda de roupa, um lanche, além de materiais específicos (pinça, frascos para coleta de amostras, sacos plásticos, bloco para anotações...). Como você vai contribuir com a própria organização e condução da atividade, um relógio de pulso é indispensável. Separe também os materiais de uso coletivo que você tenha se comprometido a levar, se for o caso.

- Durante a atividade, lembre-se de que o mais importante é estar atento ao que fazem os alunos. É preciso cuidar para que tudo transcorra com tranquilidade e segurança. Nesse ponto, é claro, nunca é demais tomar certas medidas preventivas. Então, esteja atento a quaisquer situações de risco e evite que os alunos se exponham. Crianças, principalmente, quando estão em grupo, muitas vezes se comportam de modo um tanto distraído e tumultuado, o que pode pôr em risco sua segurança.
- Você e o regente-tutor (ou outro responsável pelo trabalho), que também estará necessariamente presente na realização da atividade, formam uma equipe. Tenha o cuidado de agir em harmonia com ele, de acordo com o que foi previamente combinado. Em caso de imprevistos ou dúvidas, consulte-o antes de tomar uma decisão.

Como sempre sugerimos, tome nota de tudo que julgar importante. Suas anotações vão servir não apenas para avaliar posteriormente a atividade, junto com o regente-tutor, mas também para facilitar a elaboração de seu relatório final.

Se não houver, durante o período de realização do Estágio IV, uma oportunidade de você prestar auxílio em atividade extraclasse, não há problema. Complete sua carga horária de co-participação com os demais tipos de atividades propostas.

Atividade 4

Preparação e aplicação de processo de avaliação para Conselho de Classe

Em períodos anteriores de estágio, você já participou de Conselhos de Classe. Como você sabe, representantes dos alunos tomam parte nos Conselhos de Classe na maioria das escolas. Quando os alunos são adequadamente preparados, sua participação nesses momentos de avaliação tende a ser mais rica e produtiva. Nesta atividade, você vai preparar um instrumento que permita ao aluno avaliar, com vista ao Conselho de Classe (COC), o processo ensino/aprendizagem do bimestre em questão, na sua disciplina. Apresente essa proposta de trabalho ao regente-tutor. Caso ele aprove, você poderá aplicar o instrumento elaborado, executando o processo de avaliação junto aos alunos; caso contrário, deverá apenas elaborar o instrumento, que será computado como uma atividade do estágio, mesmo sem a efetiva aplicação.

Um instrumento como esse visa a induzir o aluno não só à auto-avaliação, mas também a uma reflexão sobre aquilo que está vivenciando, para que possa ter uma atitude mais responsável e comprometida. Esse tipo de prática, que permite ao aluno opinar acerca de suas vivências escolares, requer, por parte do professor (nesse caso você, estagiário), certa dose de tolerância, visto que, em um primeiro momento, os alunos tendem a dar vazão a críticas negativas levianas. No entanto, em médio prazo, rende

frutos muito bons, uma vez que leva os alunos a se observarem, tomando consciência de quanto suas atitudes, de fato, interferem no processo educacional, que é da responsabilidade não apenas do professor, mas de todos nele envolvidos.

Primeiramente, procure verificar quais são os objetivos gerais e os específicos do Conselho. Em determinadas escolas ou em certas séries, os objetivos são diferenciados. Por exemplo, em uma escola técnica, além do aproveitamento do aluno nas diversas disciplinas, é levada em conta a sua aptidão para a profissão para a qual é preparado; em uma série terminal, como a terceira do ensino médio, o objetivo, comum em COC, de avaliar a capacidade de o aluno acompanhar a série seguinte não se justifica.

O próximo passo é preparar um roteiro ou questionário que permita ao aluno refletir sobre os diversos aspectos a serem avaliados, como:

- se a quantidade e o tipo de aulas dadas foram suficientes e adequados para a aprendizagem dos conteúdos;
- se houve exercícios suficientes para a fixação desses conteúdos;
- se os materiais didáticos empregados foram adequados, variados e interessantes;
- se os instrumentos de avaliação corresponderam aos conteúdos ministrados e se apresentavam o mesmo grau de dificuldade dos exercícios;
- se a aprendizagem se efetivou ou não; em caso negativo, por quê;
- se a atitude do professor facilitou o processo;
- se a atitude e a intervenção do estagiário facilitaram o processo;
- se a atitude da turma facilitou o processo;
- se a atitude individual do próprio aluno facilitou o processo;
- se algum aspecto físico da escola ou qualquer outro tipo de obstáculo dificultou o processo;
- se o aluno tem alguma sugestão para melhorar quaisquer aspectos do processo.

Quando se realiza esse tipo de atividade, o ideal é fazer primeiramente um debate das questões com a turma, permitindo que os alunos expressem suas opiniões, para que, depois, cada aluno faça sua avaliação por escrito (identificando-se ou não, conforme o que for previamente combinado). Nesse momento, é importante mostrar a eles que os aspectos a serem analisados dizem respeito a todos os envolvidos no processo.

É fundamental lembrar aos alunos que não só os pontos negativos devem ser apresentados. Precisam ser identificados os dados positivos, as situações bem-sucedidas, para a análise ser completa e verdadeira. Também é indispensável deixar claro para eles por que avaliamos o processo pedagógico: a boa avaliação é uma etapa necessária de qualquer ação de melhoria, superação de dificuldades e correção de rumos, pois permite ter uma visão do que já foi realizado e do que falta realizar no percurso que nos leva a nossos objetivos.

Uma vez que os alunos tenham respondido ao questionário, passa-se a realizar a tabulação dos dados, etapa da qual os alunos podem também participar, sob sua orientação. Os resultados obtidos poderão ser levados ao Conselho pelo representante da turma (se na escola em questão os alunos têm participação no COC), por você, caso trate isso com o regente-tutor, ou por ele mesmo, caso ache conveniente.

Mesmo que os dados não sejam levados ao COC, a prática em si desse exercício reflexivo permite, a cada um dos envolvidos, ter uma visão mais clara do processo em curso, propiciando os necessários ajustes para o sucesso do mesmo.

Atividade 7

Leitura e elaboração de resenha de livro sobre metodologia de ensino

Temos lembrado freqüentemente, ao longo dos períodos de estágio, que o estudo pessoal é parte indispensável do trabalho de todo professor. Nesta atividade, propomos que você aprofunde e complemente seu estudo por meio do tipo de tarefa mais importante para esse fim: a leitura.

Além de conhecer com segurança os conteúdos próprios de sua área, um professor também precisa ter conhecimentos abrangentes e atualizados sobre Educação, em especial no que diz respeito à metodologia de ensino específica de sua disciplina. A leitura de obras especializadas no assunto oferece boas oportunidades de reflexão sobre nossa atuação profissional, e alimenta nossa capacidade de criar novas soluções para os problemas comuns no cotidiano da sala de aula.

A elaboração de resenha é uma boa forma de consolidar a leitura crítica de um livro. Por isso, foi proposto que você elaborasse uma no Estágio III, de um livro paradidático, e agora, no Estágio IV, propomos mais uma – desta vez, de um livro sobre metodologia de ensino. A seguir, vamos recapitular e complementar as orientações para elaboração da resenha. Lembre-se, porém, de que o primeiro passo para realizar uma atividade como esta é a escolha do livro a ser resenhado. Para escolher, você precisará travar contato, ainda que superficial e rápido, com vários livros. Lance mão daquelas estratégias que já são suas conhecidas: visite bibliotecas, livrarias, editoras, peça sugestões a colegas e tutores... No final desta seção, listamos algumas obras que talvez interessem a você; no entanto, o ideal é que você faça sua própria pesquisa de títulos. Se tiver dificuldade em conseguir um bom livro que trate especificamente da metodologia de ensino em sua disciplina, você pode optar por um que trate de ensino de ciências em geral, ou por um que trate de questões educacionais de abrangência mais ampla – como, por exemplo, os sugeridos na primeira parte deste livro, em nossas “questões iniciais”.

Você já sabe que uma resenha é um texto que tem por objetivo a análise crítica de uma obra – um livro, no caso da presente atividade de estágio. Freqüentemente, ela visa a apresentar o livro a um leitor que ainda não

o conhece. Sendo assim, costuma incluir um resumo do conteúdo dele, além da apreciação crítica em si.

É claro que a produção de um bom resumo exige, antes de mais nada, uma boa leitura do livro. É preciso, principalmente, distinguir informações centrais, básicas, de informações secundárias. Sem dúvida, isso envolve uma criteriosa tomada de decisões por parte do autor da resenha. Tomar decisões, nesse caso, significa que será preciso selecionar os pontos que serão incluídos no resumo, abrindo mão de parte do conteúdo do livro. Diferenciar o que é mais do que é menos importante no conteúdo de um livro depende, até certo ponto, dos objetivos de leitura, do conhecimento de mundo, das preferências e interesses de quem lê. Tenha sempre em mente que não é possível, de modo algum, incluir na resenha todo o conteúdo do livro – nesse caso, você não estaria fazendo um resumo, mas uma simples reprodução, e a extensão da resenha tenderia a ser quase igual à do próprio livro, o que faria com que ela perdesse, em grande parte, sua funcionalidade.

Por essa mesma razão – a impossibilidade e inadequação de reproduzir todo o conteúdo do livro – é imprescindível redigir o resumo com suas próprias palavras, em vez de copiar trechos do livro. A cópia, é evidente, impossibilita o resumo, que consiste justamente em apresentar o mesmo conteúdo de modo sintético, ou seja, com menos palavras. Quer dizer: se você copia, as palavras são as mesmas, então não ocorre síntese – compactação de informações em uma extensão menor de texto. A necessidade de sintetizar é também o motivo pelo qual não é aconselhável que você faça o resumo do livro capítulo por capítulo. Quando se emprega esse formato, a tendência é que a síntese se torne mais difícil, o que acaba resultando em um resumo longo demais. Ao decidir quais informações vão constar em seu resumo e quais não vão, procure encontrar o equilíbrio dentro dos seguintes limites: a resenha tem de ser suficientemente completa para ser bem entendida por alguém que não conhece o livro, e suficientemente sucinta para que o leitor não perca o interesse na leitura.

Para orientar sua análise crítica, você pode ter em vista os seguintes pontos:

- Relevância e atualidade do livro.
- Clareza e facilidade de leitura.
- Interesse, originalidade e aplicabilidade prática das idéias.
- Correlações com outras obras que você já leu.

Facilite suas reflexões de leitura fazendo a si mesmo perguntas com base nesses pontos: O tema desse livro é relevante para a atividade de um professor? É atual? Por quê? A leitura desse livro foi (ou está sendo) agradável para mim? Que outras idéias esse livro me faz lembrar?, e assim por diante.

O resumo e a análise crítica não precisam aparecer em partes separadas da resenha: podem ser desenvolvidos simultaneamente. Certifique-se, apenas, de que ambos os conteúdos estejam presentes no texto final. Se você julgar interessante, pode ainda incluir algumas informações sobre vida e obra do autor do livro.

Lembre-se de que é sempre indicado, em um trabalho desse tipo, ir fazendo anotações à medida que lê. Só comece a redigir o texto final depois de ter concluído toda a leitura, ter amadurecido suas reflexões e ter feito um roteiro do que pretende expor. Não se esqueça também de que, muitas vezes, é preciso voltar a ler algumas partes do livro no momento de escrever a resenha.

Uma resenha costuma ser um texto relativamente curto, e normalmente não é dividida em seções. Duas a três páginas digitadas, ou três a cinco manuscritas devem ser suficientes para você apresentar um bom trabalho.

Veja, a seguir, nossas sugestões de leitura:

ALMEIDA, Maria José P. M. de e Henrique César da Silva (orgs.) *Linguagens, Leituras e Ensino da Ciência*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 1998.

BIEMBENQT, Maria Salett e Nelson Hein. *Modelagem Matemática no Ensino*. São Paulo: Contexto: 2003.

BIZZO, Nelio. *Ciências: Fácil ou Difícil?* São Paulo: Ática, 2000.

CARVALHO, Dione Lucchesi de. *Metodologia do Ensino da Matemática*. São Paulo: Cortez, 1994.

COLL, César e Ana Teberosky. *Aprendendo Ciências*. São Paulo: Ática, 1999.

_____ e Ana Teberosky. *Aprendendo Matemática*. São Paulo: Ática, 1999.

DANTE, Luiz Roberto. *Didática da Resolução de Problemas de Matemática*. São Paulo: Ática, 1999.

DELIZOICOV, Demétrio, José André Angotti e Marta Maria Pernambuco. *Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ e José André Angotti. *Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

GÓMEZ CHACÓN, Inés Maria. *Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade*. Campinas: Mercado de Letras: 1995.

LAHERA, Jesús e Ana Forteza. *Ciências Físicas nos Ensinos Fundamental e Médio: Modelos e Exemplos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARANHÃO, Maria Cristina Souza de Albuquerque. *Matemática*. São Paulo: Cortez, 1994.

NEVES, Marcos César Danhoni. *Lições da Escuridão – Ou Revisitando Velhos Fantasmas do Fazer e do Ensinar Ciência*. Campinas: Mercado de Letras: 2002.

SILVA, Ricardo de Castro e. *Orientação Sexual – Possibilidade de Mudança na Escola*. Campinas: Mercado de Letras: 2002.

Atividade 8

Elaboração de projeto de atividade extraclasse

Esta atividade consiste na elaboração de um projeto. Um projeto é um plano de ação futura, uma programação de algo que pretendemos realizar. Em nossa atividade como professores, o planejamento é sempre uma tarefa importante. De um bom planejamento depende, em grande medida, o êxito de nossa ação educativa. Um plano de trabalho amadurecido e bem delineado reduz os riscos de problemas e imprevistos, evita desperdício de tempo e permite melhor avaliação dos resultados alcançados em face dos resultados pretendidos. Projetos são uma boa forma de planejar tarefas de alguma complexidade, que envolvem diferentes etapas e exigem um período de tempo relativamente extenso.

O objeto deste trabalho será uma atividade extraclasse para sua turma-base. Se já houver alguma atividade extraclasse programada pelo regente-tutor ou pela escola para a turma-base, aproveite e faça dela o tema de seu projeto. Caso não haja uma atividade desse tipo previamente determinada, escolha uma que lhe interesse e que seria adequada e proveitosa para a turma. Nesse caso, independentemente de a atividade planejada vir a ser de fato realizada com os alunos, você terá seu projeto computado para a totalização da carga horária do Estágio IV.

Tema do projeto

É preciso reconhecer que a ação educativa da escola vai muito além da sala de aula. Sendo assim, as atividades extraclasse têm um importante papel a cumprir. Elas diminuem a distância entre a escola e a vida e enriquecem a experiência dos alunos. Contribuem para aprofundar, concretizar e ilustrar conteúdos pedagógicos, e fornecem novos assuntos e materiais para o trabalho em sala de aula. Além disso, rompem com a rotina das aulas, tornando a escola mais agradável e atraente.

Veja algumas sugestões de atividades possíveis:

Passeio: Um passeio pode ser realizado com a turma apenas com finalidade de lazer e integração social, ou com objetivos pedagógicos específicos, relacionados aos conteúdos curriculares. Mesmo que objetive simplesmente o lazer, um passeio pode ter um papel educativo relevante, já que permite trabalhar valores e atitudes, como o respeito aos outros, o cumprimento de regras, a responsabilidade, a amizade, o companheirismo, além de facilitar o estreitamento de vínculos afetivos entre os alunos.

Trabalho de campo: Em um trabalho de campo, os alunos fazem uma coleta direta de dados, amostras ou quaisquer tipos de informações, que serão depois utilizados para estudo. Esse tipo de trabalho pode ser feito em um passeio, mas não necessariamente. Os alunos podem colher informações em seu ambiente cotidiano, na comunidade onde moram, na área em torno da escola ou mesmo dentro da própria escola.

Visita cultural: Um passeio pode ter como objetivo a visita a um museu, a uma fábrica, a um prédio de importância histórica, a uma biblioteca, a uma

fazenda, a um centro de pesquisa científica, a uma universidade – enfim, a qualquer local de interesse cultural.

Trabalho voluntário em causa social: É cada vez maior a valorização, em nossa sociedade, do trabalho voluntário. Nossos alunos podem ser incentivados a contribuir com diferentes causas sociais, relacionadas à preservação do meio ambiente, à educação, à saúde, aos esportes, à inclusão dos portadores de necessidades especiais, entre muitas outras. Participar de um trabalho voluntário pode lhes ensinar muito sobre o valor da solidariedade, sobre o potencial de organização dos cidadãos, sobre a responsabilidade individual nos problemas coletivos e sobre sua própria capacidade de contribuir.

Organização de festa, solenidade, mostra de trabalhos ou outro evento escolar: Promover eventos variados no dia-a-dia escolar é uma ótima forma de tornar a escola mais alegre e dinâmica, mais próxima da vida, e de enriquecer a experiência educacional, expandindo-a para além da sala de aula. Integrar os alunos na preparação dos diferentes eventos escolares ajuda a fortalecer seus vínculos afetivos com a escola e mostra a eles a importância da participação e contribuição de todos nas questões da comunidade a que pertencem.

Ao escolher a atividade que será tema de seu projeto, considere com atenção as possibilidades de relacionar a ela os conteúdos específicos de sua disciplina. Se possível, dê preferência a uma atividade que seja relevante para esses conteúdos.

Estrutura do projeto

Projetos são elaborados segundo uma estrutura específica. Aqui, propomos a seguinte organização para o texto final de seu trabalho:

1. Apresentação
2. Objetivos
3. Público-alvo
4. Justificativa
5. Fundamentação teórica
6. Procedimentos
7. Relações interdisciplinares
8. Recursos
9. Cronograma

Veja, a seguir, como você pode desenvolver cada uma dessas seções.

1. Apresentação

Essa é uma seção breve, em que você oferecerá ao leitor uma contextualização de seu trabalho. Informe que ele foi feito no contexto da disciplina de Estágio IV, no curso de Licenciatura do CEDERJ, em tal semestre de tal ano, sendo o estágio realizado na escola X etc. Apresente as informações necessárias para que o leitor, ao iniciar o contato com o texto, saiba de que se trata.

2. Objetivos

Os objetivos representam os resultados que você pretende alcançar com a atividade que está propondo. Eles são uma parte importantíssima de um projeto, pois deles dependem muitas das decisões que você terá de tomar, como os tipos de procedimentos e materiais a serem empregados e a utilização do tempo. Veja alguns exemplos de como podemos formular objetivos em trabalhos como esse:

- Promover a integração social entre os alunos.
- Coletar amostras para uma coleção biológica.
- Fazer um levantamento dos principais problemas ambientais na localidade.
- Conhecer e valorizar o patrimônio histórico do município.
- Orientar-se na cidade, utilizando um mapa.
- Explicar aos freqüentadores a importância de colaborar na conservação da praça pública.
- Enfeitar a escola para a festa junina.

Evidentemente, os objetivos acima não se referem todos a um mesmo projeto! São apenas exemplos de como você pode formular os seus.

3. Público-alvo

A identificação e a caracterização do público a que o projeto se destina são informações imprescindíveis. Neste caso, o público-alvo são os alunos da turma-base. Apresente uma breve caracterização geral da turma, informando o número total de alunos, sua faixa etária, a série escolar, entre outras informações que você puder obter e que julgar relevantes. Pode ocorrer que seu projeto vise também a atingir outras pessoas, como, por exemplo, os familiares dos alunos ou os moradores da comunidade onde fica a escola. Nesse caso, indique e caracterize também essas pessoas, dentro do possível.

Digamos, por exemplo, que a atividade proposta no projeto seja a visita, pelos alunos, aos moradores de certo bairro, para conversar com eles e conscientizá-los dos problemas causados pelo lixo jogado no rio. Nesse caso, o público-alvo é formado, por um lado, pelos próprios alunos – já que se espera que eles obtenham benefícios formativos com a atividade, – e, por outro lado, pelos moradores que receberão a visita, que deverão também se beneficiar.

4. Justificativa

Nessa seção, você vai expor a razão de seu projeto. Em outras palavras, você apresentará resposta para a seguinte pergunta: “por que estou propondo este projeto?”

Provavelmente você já respondeu à pergunta aí em sua cabeça: “porque estou sendo obrigado pelas exigências da disciplina de Estágio IV, ora!”. Mas não é a esse tipo de “justificativa” que nos referimos... Lembre-se de que, para cumprir a exigência da disciplina, você poderia elaborar um sem-número de outros projetos em vez desse, em particular. Então, a questão é: por que ESSE projeto?

Projetos costumam nascer da necessidade de resolver algum problema ou de atender a alguma demanda do público-alvo. Procure apresentar a justificativa, então, nesse sentido. Você observou, na turma-base, algum problema ou necessidade que seu projeto pode ajudar a resolver? Você percebeu algum desejo ou interesse específico dos alunos que pode ser satisfeito por seu projeto?

Como você deve ter percebido, perguntas como essas são, aliás, um ótimo caminho para ajudá-lo a escolher sua atividade-tema. Observe a turma-base atentamente e reflita com calma sobre essas perguntas antes de começar a escrever o trabalho.

5. Fundamentação teórica

Toda a nossa ação profissional precisa ser fundamentada. Por isso, os projetos costumam trazer uma seção destinada à fundamentação teórica. Para elaborar essa seção, é necessário realizar a leitura de algumas obras básicas que possam fornecer um apoio relevante e consistente para o que se pretende desenvolver.

Costuma ser um pouco trabalhoso elaborar uma boa fundamentação teórica, mas sempre vale a pena. Depois de pronta, ela dá certeza – a nós e a nossos leitores – de que não estamos sós, ou seja, de que outros conhecem os caminhos que pretendemos trilhar e que podem ajudar, fornecendo-nos um “mapa”.

O primeiro passo para a elaboração de uma boa fundamentação teórica é selecionar as obras que você pretende utilizar. Faça uma pesquisa para descobrir alguns títulos e autores relevantes, dê uma rápida olhada no que conseguir encontrar e selecione algumas obras para uma leitura completa e aprofundada. Quantidade, nesse caso, é menos importante que qualidade. É preferível selecionar uma ou duas obras muito boas e perfeitamente condizentes com o tema e os objetivos de seu trabalho, a incluir um número imenso de obras ruins ou pouco relevantes para o que você tem em mente.

Após ler os livros e artigos selecionados, apresente um resumo dos pontos mais importantes – sempre lembrando que “importante”, nesse caso, quer dizer **relevante**, ou seja, pertinente e congruente em relação ao trabalho que você está desenvolvendo.

6. Procedimentos

Nessa seção, você descreverá a atividade em si – o que você, os alunos e outras pessoas envolvidas vão fazer. Forneça todos os detalhes necessários para que seja possível, pela leitura do projeto, saber exatamente como vai se desenrolar a atividade extraclasse proposta, em todas as suas etapas.

7. Relações interdisciplinares

Reflita sobre as possíveis inserções, na atividade extraclasse proposta, de conteúdos específicos de diferentes disciplinas. Você pode enriquecer sua reflexão trocando idéias com colegas estudantes ou professores de outras áreas, diferentes da sua. Nessa seção do projeto, aponte as possíveis relações interdisciplinares favorecidas pela atividade.

8. Recursos

É preciso indicar que recursos – materiais e humanos – serão necessários à execução de seu projeto. O mais importante, aqui, é avaliar a viabilidade de sua proposta. Um projeto excelente, mas que exija recursos inacessíveis a você, a seus alunos ou à escola simplesmente não poderá ser realizado. Procure ser, portanto, ao mesmo tempo, realista e criativo: realista, no sentido de não contar com recursos que não será possível obter, e criativo para buscar as alternativas mais acessíveis.

Considerando a natureza de seu projeto, verifique que recursos estão facilmente disponíveis na escola, examine a possibilidade de utilizar materiais de sucata, procure descobrir até que ponto as famílias dos alunos e a comunidade em geral podem contribuir.

Quem sabe há algum pai ou mãe com uma profissão incomum, interessante, e que poderia dar uma palestra ou entrevista? Quem sabe algum familiar poderia conseguir desconto em transporte para a turma? As famílias podem se organizar para garantir um lanche coletivo? Algum comerciante da localidade poderia doar material de papelaria? Algum membro da comunidade poderia auxiliar na organização de um torneio esportivo, de uma gincana?...

Após pesquisar as possibilidades e escolher as mais viáveis e adequadas, indique-as em seu projeto.

9. Cronograma

Ao programar as atividades, precisamos pensar no tempo necessário para realizá-las. Isso será registrado no projeto como um cronograma, em uma seção própria. O cronograma indica as etapas da atividade e as datas ou períodos previstos para cada uma.

Veja o exemplo de um cronograma para um projeto de visita a museu:

Apresentação da proposta à turma: 2 de setembro

Agendamento da visita no museu: 3 de setembro

Envio de circulares para as famílias, solicitando autorização: 8 de setembro.

Devolução, pelos alunos, das autorizações assinadas pelos responsáveis: de 9 a 12 de setembro

Realização da visita: 15 de setembro (ou conforme disponibilidade do museu, no período de 15 a 25 de setembro)

Debate e elaboração de relatório sobre a visita, em sala de aula: primeira aula após a realização da visita (no máximo, até 27 de setembro)

É fácil perceber que as etapas indicadas no cronograma são aquelas que você descreveu de modo mais completo na seção destinada aos procedimentos, certo? Em grande parte, o sucesso do projeto depende de contar com um cronograma detalhado e realista.

As seções numeradas de 1 a 9, descritas até aqui, representam o “corpo” do projeto, o texto do projeto em si. Lembre-se, porém, de que um trabalho de tal complexidade sempre inclui o que se costuma chamar de páginas “pré” e “pós-textuais”. Você já vem trabalhando com esses elementos desde o Estágio I, quando começou a fazer relatórios. Na parte pré-textual, incluímos, no mínimo, uma **folha de rosto** (com os dados básicos de identificação do trabalho, de modo semelhante ao que encontramos em uma “capa”) e um **sumário** (com a enumeração das seções de que o trabalho se compõe e a indicação do número da página em que começa cada uma). Na parte pós-textual deve constar, obrigatoriamente, sob o título de **bibliografia**, a lista das obras consultadas para a elaboração do trabalho.

Atividades 10 a 14 – participação

No Estágio III, você realizou atividades de participação, que consistem, em síntese, em ministrar aulas completas e realizar todo o trabalho necessário de preparação dessas aulas. Essas atividades representam a culminância de seu estágio, pois é nelas que você pode integrar tudo que vem aprendendo sobre elaboração de materiais, aplicação e acompanhamento de atividades diversas, liderança da turma e avaliação do trabalho pedagógico.

No Estágio IV, a carga horária destinada às atividades de participação é maior. Agora, você dará seis tempos de aula, em vez dos quatro que deu no período anterior. Esses seis tempos de aula devem ser dados em seqüência, formando, juntos, uma unidade completa de ensino, com introdução de conteúdo, fixação e avaliação. Ou seja, enquanto, no Estágio III, você ministrou aulas independentes umas das outras, agora deverá planejar e executar um trabalho mais amplo: uma seqüência de aulas para dar conta de determinado conteúdo. Como, então, o conteúdo das aulas será o mesmo, basta você escrever um único texto-base.

Outra diferença em relação ao Estágio III é que, desta vez, você confeccionará um instrumento de avaliação vinculado ao conteúdo desenvolvido em suas aulas. Não é obrigatório que o instrumento construído venha a ser de fato aplicado na turma (a avaliação a que nos referimos no parágrafo anterior, que você fará em aula, pode empregar outros meios). O trabalho de confecção do instrumento será, de qualquer modo, computado como atividade de participação para efeito da totalização da carga horária da disciplina.

Observadas essas diferenças, você pode retomar as orientações dadas no livro do Estágio III para a preparação de suas aulas. Aproveite também as sugestões que já foram oferecidas até o momento, nos dois livros anteriores, para a confecção do material didático e do instrumento de avaliação.

**Material de registro e
acompanhamento**

3ª
PARTE



ESTÁGIO IV AGENDA DE ATIVIDADES

Estagiário(a):

Curso:

Pólo CEDERJ:

Escola:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio IV:

Observação de aulas

DATA	TEMA DA AULA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Observação de aulas
Carga horária total: _____h

[illegible]

Co-participação
Carga horária total:_____h



ESTÁGIO IV AGENDA DE ATIVIDADES

Estagiário(a):

Curso:

Pólo CEDERJ:

Escola:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio IV:

Reuniões com o regente-tutor

DATA	OBJETIVO DA REUNIÃO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Reuniões com o regente-tutor
Carga horária total: _____h

Preparação e aplicação de processo de avaliação para Conselho de Classe

DATA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	7h	

Preparação e aplicação de processo de avaliação para Conselho de Classe
Carga horária total: 7h



Atividades de participação

Preparação

DATA	ATIVIDADE	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	Elaboração de texto-base	15h	
	Elaboração de planos de aula	4h	
	Confecção de material didático	10h	
	Confecção de instrumento de avaliação	5h	

Atividades de participação – Preparação
Carga horária total: 34h

Aulas

DATA	TEMA DA AULA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Atividades de participação – Aulas
Carga horária total: 6h



ESTÁGIO IV AGENDA DE ATIVIDADES

Estagiário(a):

Curso:

Pólo CEDERJ:

Escola:

Turma-base:

Regente-tutor:

Semestre de realização do Estágio IV:

Correção/avaliação de trabalhos de alunos

DATA	TIPO DE TRABALHO AVALIADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR

Correção/avaliação de trabalhos de alunos
Carga horária total: 5h



Leitura e elaboração de resenha de livro sobre metodologia de ensino

DATA	LIVRO RESENHADO	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
		15	

Leitura e elaboração de resenha de livro sobre metodologia de ensino
Carga horária total: 15h

Elaboração de projeto de atividade extraclasse

DATA	ATIVIDADE PLANEJADA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
		25	

Elaboração de projeto de atividade extraclasse
Carga horária total: 25h

Relatório final

DATA	CH	RUBRICA REGENTE-TUTOR
	5h	

Relatório final
Carga horária total: 5h

ISBN 85-7648-258-4



9 788576 482581



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

